

Ser mulher, ir à igreja, cursar uma universidade: conciliando ideias, princípios e valores distintos

Isabella de Oliveira Lambardi¹
Claudia Neves da Silva²

Resumo

Cada instituição religiosa tem costumes e crenças diferentes, e muito desses costumes vêm como uma característica da igreja e é refletida pelos fiéis, como o modo de se vestir, como socialmente se portar. As igrejas cristãs, apesar de cada vez mais estarem se “renovando”, ainda reforçam a ideia de como a mulher deve se portar na sociedade, pois não é difícil encontrar nos discursos dos líderes religiosos falas que se referem ao papel da mulher na sociedade. Tendo por objetivo investigar como as estudantes do curso de Serviço Social conciliam o que aprendem em sala de aula com seus valores e princípios religiosos e entender as religiosidades presentes no meio acadêmico, no ano de 2017 realizamos uma investigação junto aos discentes do primeiro ano do curso de Serviço Social da UEL, por meio da aplicação de 2 (dois) questionários com 15 perguntas: um questionário para ser aplicado junto às estudantes e outro para os alunos do primeiro ano - matutino e noturno. Podemos inferir que há uma busca por uma igreja em que a jovem possa vivenciar uma prática religiosa adequada ao seu estilo de vida, de pensar, de ser e de agir. Porém, verificamos que os discursos religiosos por vezes vão de encontro ao que pensam as estudantes no que se refere ao papel da mulher na sociedade, por um lado há certa concordância em relação ao papel da mulher na família. Essas e outras questões que estão surgindo pretendemos responder com a análise dos questionários aplicados.

Palavras – Chaves: Serviço Social. Mulher. Estudantes. Religião

¹Universidade Estadual de Londrina; Estudante do Curso de Serviço Social. Bolsista IC/Fundação Araucária.

²Universidade Estadual de Londrina; Professora do Departamento de Serviço Social. Dra. em História Social

INTRODUÇÃO

Cada instituição religiosa tem costumes e crenças diferentes, e muito desses costumes vêm como uma característica da igreja e é refletida pelos fiéis, como o modo de se vestir, como socialmente se portar. As igrejas cristãs, apesar de cada vez mais estarem se “renovando”, ainda reforçam a ideia de como a mulher deve se portar na sociedade, pois não é difícil encontrar nos discursos dos líderes religiosos falas que se referem ao papel da mulher na sociedade.

Citamos como exemplo a “escritora, apresentadora, colunista e palestrante sobre relacionamentos” Cristiane Cardoso, filha do Pastor Edir Macedo, que em seu blog encontramos orientação sobre várias situações, entre elas não falar palavrão até mascar chiclete em lugares públicos, ou na frente de seus maridos.

(...) Não vai adiantar muito a busca pelo certo e errado da moda e da maquiagem quando não sabe o certo e errado do comportamento e da vida. Falar palavrões: se eles fossem bons, certamente não precisam ser censurados na TV, o que também pouco adianta, já que estão em toda parte na boca de quem não consegue uma forma melhor de se comunicar. (<https://blogs.universal.org/cristianecardoso/pt/o-que-uma-mulher-nunca-deve-fazer>)

Outra religiosa que fala como a mulher deve se portar é a pastora e cantora Ana Paula Valadão, quem em palestra proferida no Culto Mulheres Diante do Trono no ano de 2012 (Ser a Esposa que o Marido Sonha!) fala sobre a importância de a mulher obedecer ao seu marido, respeitá-lo e não interferir em seu papel de chefe de família.

As orientações que destacam o papel da mulher na sociedade também estão presentes em documentos da Igreja Católica:

(...) ligada, enfim, com o vínculo desta caridade à sociedade doméstica, florescerá necessariamente aquilo que Santo Agostinho chama, a ordem do amor. Essa ordem implica por um lado a superioridade do marido sobre a mulher e os filhos, e por outro a pronta sujeição e obediência da mulher, não pela violência, mas como recomenda o Apóstolo; (...) (Pio XI. *Encíclica Casti Connubii*, 1930, *Idem*, 2003, p.886)

Esta Encíclica Papal foi publicada em 1930, porém ainda hoje há pessoas que a consideram válida e atual, como pudemos constatar no blog “A mulher Católica”:

[...] Na família não é diferente: há um chefe (o homem) sua mulher e os filhos. E isso é querido por Deus. Assim Ele deixou pra ser. A bíblia também é claríssima na questão da submissão da mulher [...]

(<http://amulhercatolicaoficial.blogspot.com.br/2017/03/a-mulher-deve-ser-submissa-ao-marido.html>)

Já a pesquisadora Maria Isabel da Cruz (2013) destaca que este documento papal coloca a mulher na condição de segunda classe:

[...] O papa pio XI dedica boa parte da encíclica *Casti Connubii* ao papel da mulher na Igreja e na sociedade. Ao afirmar que ela deve se submeter ao marido, reforça o estereótipo de que deve ocupar posição secundária, o homem sendo o centro sua cabeça, regendo-a, comandando-a determinando o que deve ou não fazer. (CRUZ, 2013, p.)

As igrejas, de diferentes matrizes, para justificarem a submissão da mulher ao marido, utilizam-se de interpretações de trechos bíblicos como é o caso, por exemplo, da carta Paulo aos Coríntios (1Cor14:34-35): “As vossas mulheres estejam caladas nas igrejas; porque não lhes é permitido falar; mas estejam sujeitas, como também ordena a lei. E, se querem aprender alguma coisa, interroguem em casa a seus próprios maridos; porque é vergonhoso que as mulheres falem na igreja”.

Ao analisarmos estas falas, constatamos que os papéis das mulheres sempre estiveram historicamente definidos; conforme Cecília Toledo (2003), esta opressão foi determinada por diferentes fatores.

As descobertas antropológicas permitem afirmar que a mulher não nasceu oprimida, mas passou a sê-lo devido a inúmeros fatores, dentre os quais os decisivos foram as relações econômicas, que depois determinaram toda a superestrutura ideológica de sustentação dessa opressão: as crenças, os valores, os costumes, a cultura em geral. Em especial, a opressão da mulher está vinculada à existência da propriedade privada dos meios de produção. (TOLEDO, 2003, p.33.)

O líder da Igreja Católica atual, o Papa Francisco em fevereiro de 2017 apresentou um discurso mais atualizado em relação ao escrito na Encíclica *Casti Connubii*:

Nós dizemos que esta é uma sociedade com uma forte atitude masculina e que a mulher é para lavar a louça. Não. A mulher é para trazer harmonia. Sem a mulher não há harmonia. Não são iguais, não são um superior ao outro. Só que o homem não traz harmonia. É ela que traz a harmonia, que nos ensina a acariciar, a amar com ternura e que faz do mundo uma coisa bela. (<https://noticias.cancaonova.com/especiais/pontificado/francisco/mulher-e-harmonia-poesia-e-beleza-diz-papa-francisco/>)

Por outro lado, encontramos movimentos sociais, particularmente o movimento feminista, que luta para garantir, entre outros direitos, a igualdade de gêneros. A escritora Aline Valek, em artigo de 2014, afirma:

O movimento, por mais diverso que seja, parte de uma ideia simples e, convenhamos, mais do que justa: mulheres também são pessoas. Então é possível resumir dizendo que as feministas defendem a humanidade das mulheres. Não seria nada de mais, se não fosse em um mundo onde tanta gente luta diariamente justamente para tirar isso de nós. (VALEK, Aline, Carta Capital, .16/jul/2014)

De acordo Maria Isabel da Cruz (2013), a igreja tem condições objetivas e subjetivas para empoderar as mulheres, mas o feminismo parece amedrontar a sua hierarquia e também a vida religiosa, deixando de apontar e construir nos paradigmas.

Também destacamos que algumas correntes do movimento feminista se fazem presentes nas Igrejas, como é o caso do grupo Católicas pelo Direito de Decidir (CDD), que se posicionaram em luta, para serem ouvidas, em uma Igreja hierarquizada e dominada pelos homens. Lucila Scavone (2008) descreve o CDD como uma forma de interligação entre a igreja e o movimento feminista.

Deve-se destacar que os movimentos sociais têm a participação de todos os segmentos sociais, fazendo-se presentes, portanto, entre os membros de igrejas e de universidades. E algumas estudantes do curso de Serviço Social tem significativa participação em movimentos voltados para a defesa dos direitos das mulheres.

Estudante universitária e a sua religiosidade

Quando nos voltamos para o curso de Serviço Social na contemporaneidade, verificamos que este fundamenta-se na teoria social crítica para analisar a realidade social, política, cultural e econômica e no Código de Ética, na Lei que Regulamenta a Profissão e nas Diretrizes Curriculares para justificar e reforçar a luta pela garantia dos direitos sociais.

Não obstante a interlocução do Serviço Social com a teoria social crítica, fundamentada no legado de Karl Marx e seus principais herdeiros, e a construção do projeto ético-político a partir da ruptura com os pressupostos doutrinários e interventivos da Doutrina Social da Igreja Católica, chamou-nos a atenção se a significativa presença de princípios e valores religiosos entre os estudantes do curso de Serviço Social não influenciaria na leitura da realidade social, cultural, política e econômica.

Por meio de pesquisa que vem sendo realizada desde o ano de 2009 junto às estudantes do curso de Serviço Social da Universidade Estadual de Londrina, verificou-se que muitas discentes declaram participar ativamente de alguma igreja. Também foi verificado que, não obstante os anos passados em uma universidade e o contato com conceitos e categorias sócio histórica, os valores e princípios religiosos pouco se arrefeceram, conforme a ex-bolsista Júlia Teruel, do projeto de pesquisa “Questão social e religião: possíveis implicações na prática profissional do Assistente Social”, pode constatar (2016):

(...) 4º ano matutino de quinze, nove afirmaram que frequentam algum espaço religioso, já no período da noite, de vinte e três, 13 afirmaram que têm alguma religião. Mesmo questionando algumas posições que sua doutrina religiosa defende, os valores e princípios religiosos ainda se encontra presente.

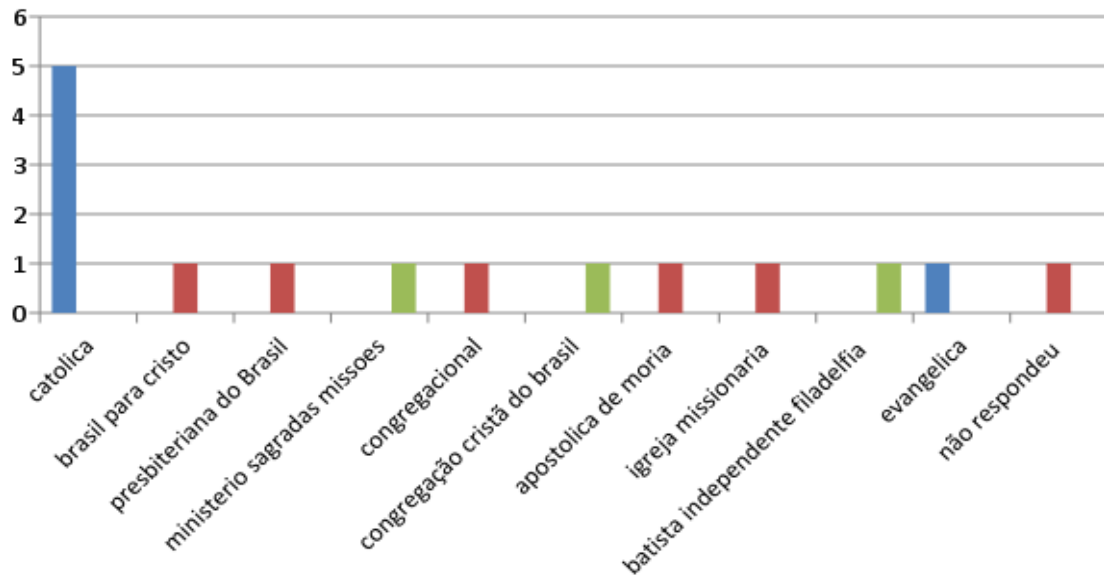
A partir destas considerações da ex-bolsista novos questionamentos surgiram: como as estudantes conciliam valores e princípios que aprendem desde criança com a teoria social crítica que estudam na universidade? Nosso interesse está no fato de buscarmos entender como elas lidam e conciliam a doutrina religiosa com sua formação acadêmica.

Tendo por objetivo investigar como as estudantes do curso de Serviço Social conciliam o que aprendem em sala de aula com seus valores e princípios religiosos e entender as religiosidades presentes no meio acadêmico, no ano de 2017 realizamos uma investigação junto aos discentes do primeiro ano do curso de Serviço Social da UEL, por meio da aplicação de 2 (dois) questionários com 15 perguntas: um questionário para ser aplicado junto às estudantes e outro para os alunos do primeiro ano - matutino e noturno.

O questionário para as alunas tinha por objetivo saber como conciliam os princípios religiosos com o que aprendem em sala de aula; e para os alunos teve por intenção verificar como entendem a relação gênero, religiosidades e religião. Também buscamos nos documentos da Igreja Católica - *Rerum novarum* e *Arcanum Divinae Sapientiae* - e nas pregações de pastores das igrejas evangélicas pentecostais postados na internet, posicionamentos destas instituições acerca do papel da mulher na sociedade.

Ao analisarmos os dados coletado nos questionários, constatamos que a maioria das alunas (65%) que entram no curso pertencem a alguma instituição religiosa (uma aluna respondeu que o motivo de não frequentar é a falta de tempo. Também constatamos que as estudantes seguem a religião que lhes foi apresentada por sua família, ou seja, o pouco trânsito religioso entre estas.

Gráfico1: Igreja que pertence

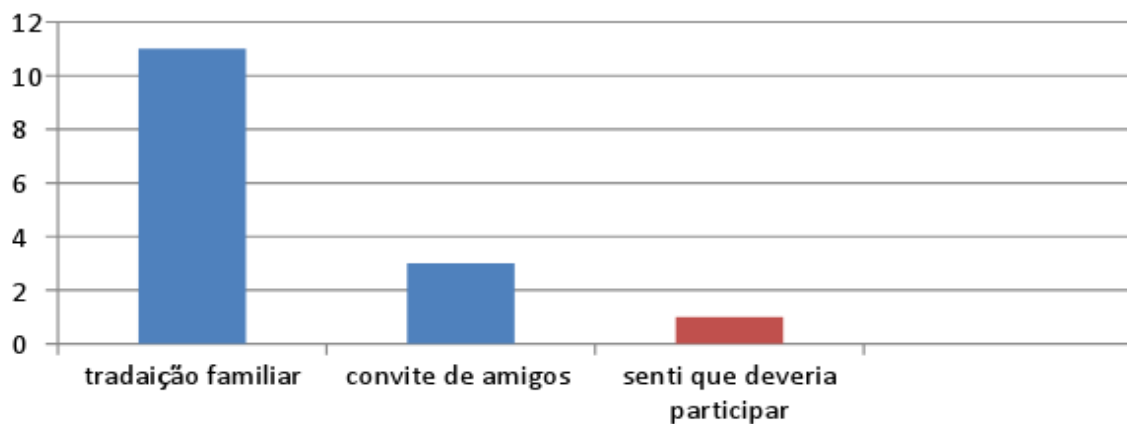


Fonte: questionário aplicado pela autora

A frequência das estudantes às celebrações religiosas foi significativa, porque das 15 alunas que responderam que frequentavam uma ou duas vezes por semana, revela significativo engajamento religioso, fato já demonstrado por Mori e Silva (2016) em pesquisa realizada anteriormente.

Também verificamos que a maioria das estudantes declaram que frequentam a igreja em razão de seguir a família, fato também constatado na pesquisa da ex-bolsista Julia Teruel. No entanto, as estudantes que falaram que não começaram a ir por causa da tradição familiar afirmam que foi devido a convites de amigos ou que houve uma carência de algo espiritual por isso procurou essas instituições.

Gráfico 2: Motivos para ir à Igreja

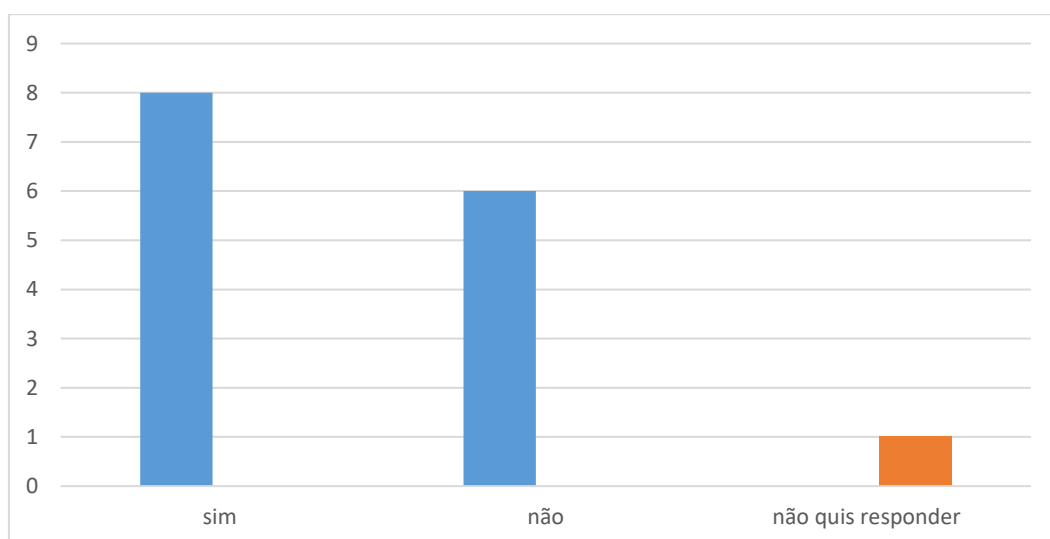


Fonte: questionário aplicado pela autora

Indagamos se o que aprendem em sala de aula é contrário à doutrina religiosa, e as alunas informaram que não, da mesma forma anotaram que a doutrina religiosa não interfere em sua relação acadêmica.

Entretanto, informaram que sua concepção de ser mulher difere de sua denominação religiosa, pois alegam que a instituição religiosa segue o padrão tradicional em relação a mulher, isto é, de que ela tem que ser dócil, companheira e do lar, e devido a isto, os serviços considerados de maior relevância na igreja e na sociedade são destinados aos homens.

Gráfico 3: Seu entendimento sobre, ser mulher é o mesmo que o da sua doutrina religiosa



Fonte: questionário aplicado pela autora

As mulheres são orientadas como se vestir e portar dentro e fora do templo religioso. Mas, há outro fato que chamou a atenção, o número cada vez maior de adolescentes, com idade variando entre 15 e 23 anos de idade, usando véu nas celebrações da Igreja Católica e a presença de grupos nas redes sociais que incentivam este uso.

O uso do véu dentro da instituição era comum e significava pureza. Nos dias atuais ele significa, conforme descrito pelas adolescentes e nos grupos das redes sociais: respeito ao divino, uma forma de não se sentir digna de estar a presença de algo maior; também há o uso do véu por meio de consagração à Maria, significando proteção e intercessão.

Apesar de uma grande parte das estudantes terem declarado que a igreja que frequentam terem perspectivas diferentes da sua afirmado, esta situação não as desmotivam. Podemos inferir que há uma conciliação entre estas perspectivas diferentes, porque as dificuldades cotidianas por vezes levam a buscar respostas para além do mundo profano. De acordo com Silva e Lanza (2015, p.162-163):

O contato direto com a divindade é uma alternativa para encontrar consolo ou respostas para as aflições, dificuldades e problemas do cotidiano, as quais não são encontradas nas instituições públicas ou privadas que deveriam responder às demandas dos cidadãos; além de ser uma possibilidade de atribuir sentido à sua existência nesta sociedade excludente, e própria à divindade.

Isto ressalta que muitas vezes a igreja é um lugar de socorro para essas mulheres, encontram voz que em muitos lugares não têm, tendo em vista que a igreja chega em uma particularidade da mulher, que muitas vezes psicólogas, assistentes sociais e mesmo o movimento feminista não alcança.

Também podemos destacar que a igreja torna-se um refúgio na contemporaneidade em que há exaltação do individualismo e a competição, como observou Mori e Silva (2016, p.453) em pesquisa realizada junto às estudantes do curso de Serviço Social:

Em tempos em que as formas mudam rapidamente, de modo que as pessoas se tornam cada vez mais individualistas e estabelecem relações calcadas em interesses tão somente individuais [...] é possível observar que o espaço religioso tem sido uma forma de obter um sentimento de “segurança” e de “solidez”, porque sua doutrina produz e reproduz princípios e valores cuja mudança se opera de forma lenta e gradual, tão distante do que se observa na sociedade atual.

A partir das primeiras análises, podemos fazer algumas ponderações iniciais, como o fato de as estudantes seguirem a religião que lhes foi apresentada por sua família, o pouco

trânsito religioso entre estas estudantes e a pouca diferença numérica entre as alunas que participam de uma igreja e as que não frequentam uma denominação religiosa, demonstrando que a doutrina e os princípios e valores religiosos estão presentes no interior da sala de aula.

Algumas considerações

O presente artigo apresenta as análises preliminares realizadas a partir de questionário aplicado junto aos estudantes do primeiro ano do curso de Serviço Social. Podemos inferir que há uma busca por uma igreja em que a jovem possa vivenciar uma prática religiosa adequada ao seu estilo de vida, de pensar, de ser e de agir. Porém, verificamos que os discursos religiosos por vezes vão de encontro ao que pensam as estudantes no que se refere ao papel da mulher na sociedade, por um lado há certa concordância em relação ao papel da mulher na família; por outro lado, em virtude da necessidade de trabalhar, colocam-se contrárias ao discurso dos líderes religiosos.

Essas e outras questões que estão surgindo, pretendemos responder com a análise dos questionários aplicados.

Referência

CARDOSO, Cristiane. *O que uma mulher nunca deve fazer*. 30 jul. 2014. Disponível em: <<https://blogs.universal.org/cristianecardoso/pt/o-que-uma-mulher-nunca-deve-fazer/>>

CNBB. *Síntese das contribuições da Igreja no Brasil à Conferência de Aparecida*. Disponível em: <http://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/26/67>

CRUZ, Maria Isabel. *A mulher na igreja e na política*. Outras expressões: São Paulo, 2013.

MORI, Vanessa T.; SILVA, Claudia N. A religiosidade dos estudantes de uma universidade pública: considerações a partir do curso de Serviço Social. *PLURA, Revista de Estudos de Religião*, vol. 7, nº 1, 2016, p. 439-457. Disponível em: <file:///C:/Users/silva/Downloads/1131-4464-1-PB.pdf>

MOTA, Elba. F. *O feminino pentecostal: uma análise da revista "Círculo de Oração" da Igreja Assembleia de Deus*. P.8. Disponível em: < <http://www.abhr.org.br/wp-content/uploads/2008/12/mota-elba.pdf> >

NETTO, José Paulo. *A construção do projeto ético-político do Serviço Social*. 1999. Disponível em: < <http://www.fnepas.org.br>>.

SCAVONE, Lucila. Religião, Gênero e Feminismo. *REVER/Revista de Estudos da Religião*, vol.4, 2008. p. 1 - 8. Disponível em: http://www.pucsp.br/rever/rv4_2008/t_scafone.pdf

V SIMPÓSIO GÊNERO E POLÍTICAS PÚBLICAS
Universidade Estadual de Londrina
13 a 15 de junho de 2018
ISSN 2177-8248

SILVA, C.N. Manifestações religiosas de jovens na contemporaneidade: experiências pentecostais cotidianas. *ANAIS XXVIII Simpósio Nacional de História*. Florianópolis, 27 a 31/jul/2015. p. 1 – 11. Disponível em: http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1436177835_ARQUIVO_SNH-comunicacaocompleta.pdf

SILVA, C.N; LANZA, F. A experiência do sagrado: o êxtase religioso em igrejas da Cidade de Londrina. *Revista Eletrônica Correlatio*. v. 14, n. 28. Dez/2015. p. 151-166. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/COR/article/view/6343/5111>. Acesso em 28/maio/2018

TERUEL, Julia Mirian. *A religião e a religiosidade durante a formação acadêmica: elementos que constituem essa religiosidade*. 2017. 66 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social) –Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2016.

TOLEDO, C. *Mulheres: o gênero nos une, a classe nos divide*. 2.ed. Série Marxismo e opressão. São Paulo: Editora Instituto José Luís e Rosa Sudermann, 2003.

VALEK, Aline. O que as feministas defendem? Carta Capital. 16,jul.2014. Disponível em<<https://www.cartacapital.com.br/blogs/escritorio-feminista/o-que-as-feministas-defendem-3986.html>>

VALADÃO, Ana Paula. Ser a esposa que o marido sonha! 22/mai/2017.Disponível em<<https://www.youtube.com/watch?v=E5sNgiLxTtl>>